

Os segredos de Paris

RU8EM BRAGA

9.4.50

— “Primeiro, os das Tulherias. Não há uma só pessoa em tôda Paris que não saiba disso”.

Acusam-me de frívolo. Ali estava eu, entretanto, perante aquela mulher de olhos côr de mar, a discutir a mais grave questão. Olhei a avenida ampla; fluíam centenas de seres, buscando, na tarde que se alongava, seus destinos variados; e aquele movimento era vivo e triste.

— “Tôda essa gente — disse eu — tôda essa gente sabe isso?”



Ela sorriu e disse que não era preciso levar sua frase ao pé da letra. Em Paris há muitos bárbaros como eu. Entretanto, sou um bárbaro atento, ando com os olhos e as narinas abertos para o ar, meus ouvidos captam o mais baixo e breve gemido do vento, minha bôca prova a água da chuva como se fôsse pela primeira vez, minhas mãos estão soltas; se fôr preciso, reconstruirei Paris.

Outro dia acharam, enterrada no antigo leito desprezado de um rio que leva suas águas ao Sena, uma canoa de um só tronco. Os jornais deram a notícia; sábios de barbas brancas baixaram as lunetas sôbre o singelo achado e falaram em centenas e milhares e anos. Os jornais escreveram coisas sôbre essa canoa. Não comentei com ninguém, fiquei em silêncio. De noite sonhei que montava em seu lenho preto e avançava devagar na água lisa do Sena. Então as pontes e os palácios iam se dissolvendo na bruma; um volume verde vinha vindo sob o



manto cinzento, eram árvores que lentamente se erguiam do passado, se adensavam em troncos, se uniam em ramos e cipós, se enriqueciam de bichos selvagens e tímidos, e se debruçavam na água verde. Onde estão, Paris, os teus reis e guerreiros e seus monumentos de pedra? Perdeu-se a lembrança das ruas e dos nomes, e a pedra apodreceu em chão fecundo. Remo na velha canoa, minha amiga, minha amante, minha companheira, minha irmã. Deixo o remo no fundo da canoa, fico em pé, ergo um braço com indolência para segurar um galho, estou colhendo in-gás maduros nessa ilha.

Sonho com ternura e quase com pressa, uma espécie de medo: amanhã pela manhã derrubarão meus ingazeiros e embaúbas de folhas de prata, e começarão a reconstruir palácios e igrejas nessa ilha, e coroa-

rão reis e guerreiros numerados como capitães, e mais tarde servirão de nomes a pontes, ruas, poltronas, sapatos e conhaques. A cidade saltará para fora para as duas margens do rio, e um dia... tão imensa que farão uma torre alta, de aço, para poder ver de um lado e outro se todos estão sossegados, se essas ruas não cansaram de ser tão certas e não começaram a se mexer inquietamente como cobras congeladas que despertam ao primeiro calor da primavera, e já começam a mover as caudas causando completa perturbação nos subúrbios.

A primavera! Sim, dela falávamos, e dos castanheiros que ora principiam a lançar seus brotos.

— “Primeiro, os das Tulherias. Não há uma só pessoa em tôda Paris que não saiba disso”.

Olho outra vez a multidão que flui, e penso vagamente que talvez ninguém ali saiba — ninguém, nem essa mulher de olhos côr de mar — que a velha canoa encontrada enterrada no chão não é dos romanos nem dos gauleses.

(F' minha).



9.4.50